

CORREIO DO ALGARVE

Jornal monarchico, independente e social — Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez

Proprietario e director — **Guerreiro Fogaça**

Redactor principal — **P.º João Henrique**

Redacção e administração,
RUA DE SANTA BARBARA — LAGOS

ASSIGNATURAS

Trimestre 150 | Numero avulso. . 25

ANNUNCIOS

Acceta-se cada um mediante uma assignatura

Composição e impressão, *Minerva Commercial*
DE J. F. BAPTISTA, Rua do Paço, 73 e 75 — EVORA

1.º DE DEZEMBRO

E' hoje um dia de gala e jubilo para nós portuguezes. Alheemo-nos das intrigas politicas, e despresemos os mesquinhos despeitos partidarios, para unirmo-nos todos como irmãos e amigos, n'este dia de gloria, de sorte que os nossos corações tenham um só sentimento e a nossa alma um só affecto — O «amôr da Patria.»

Faz hoje 269 annos que se quebraram os ferros da escravidão; que o povo portuguez surgiu do abysmo do seu captivo, como Lazaro do tumulo, e que a nossa gloriosa e nobre nação, sacudindo o jugo extranho, recuperou a sua autonomia e independencia, de um modo tão heroico, tão extraordinario, tão admiravel que resouo pelo mundo inteiro, como se fôra um cantico da mais sublime e divina inspiração.

Foi n'esse dia memoravel, 1.º de Dezembro de 1640, que o povo portuguez, que se não vendera, que se não seduzira, que se não enganára, sentindo lampear-lhe o pallido clarão da liberdade na atmospherá dos seus sentimentos patrioticos, ergueu-se, com heroismo, de pensamento absorto nas lagrimas da Patria, e alimentando os germens da revolta, esforçou-se por emmudecer a voz da tyrannia Philippina, que, contra nós, das forjas do seu terror, expellia raios de odio, e esfusiava insultos e affrontas sem fim.

Um povo como o nosso, que a sua coragem forjou em que a corôa do seu príncipe, e com a sua lealdade, não deixou-a de nos ser tomada, e jubarrotta, tinha o direito de um braço em que circule o sangue real, arrancar qualquer dos Philippes, as mãos de um poder que lhe não dera, nem queria dar. E de tal sorte estava emancipado o espirito portuguez, que todo o povo era um conjurado, sem emissarios, juntas, nem planos. Era ainda o mesmo povo, sempre fiel á Patria, que sessenta annos antes interrogou a morte, ao sentir desaparecer nos campos de Alcaçer-Kibir, toda a esperança da sua vida, se seria possível garrotear sacrilegamente a nacionalidade de um povo, obra de alguns seculos de feitos illustres, cujos gemidos imploravam justiça e liberdade!

Mas, por toda a parte soava já a hora em que a nossa nacionalidade, por 60 annos, bastardia de ambigões, havia de accordar quasi extincta, do somno da morte. Em todas as classes predominava um só pensamento, um só anhelô; em todos os corações um só desejo — libertar a Patria, sacudir o jugo estrangeiro.

João Pinto Ribeiro, portuguez activo e audacioso, apparece então a impulsão a con-

juracção, e a apressar esse dia de felicidade para todos os portuguezes amantes da Patria, em que Portugal havia de recuperar a sua independencia.

O dia escolhido foi o 1.º de Dezembro, em que o sol surgiu no horizonte, desassombrado de nuvens, e despidindo o firmamento dos vapores da noite, inundou de luz a vasta abobada celeste, que das montanhas que cercam Lisboa, corria até se confundir nas aguas do oceano.

Apostos os conjurados, dando o signal, n'um momento baqueiou por terra, o throno do usurpador, e o povo, secundando Antonio d'Almeida, gritou «Real, Real, D. João IV é rei de Portugal».

E Portugal estava restaurado. O povo tinha patria, e um rei portuguez subia os degraus do throno que, desde a fundação da monarchia, symbolisava a realisa mais popular do mundo.

Revolução assim ainda nenhum povo a fez, porque nenhum ha que seja tão heroico e fidalgo; que tenha tanta nobreza de caracter e dignidade de proceder; que ame tanto a liberdade, pura, santa e sem crimes, como o nosso bom povo portuguez.

Salvé, pois, dia 1.º de Dezembro! Salvé dia memoravel na historia patria, e assignalado como um exemplo de eterna gloria nos annos dos feitos heroicoss dos grandes povos! . . .

Salvé dia glorioso em que Portugal surgiu do tumulo das nações, sacudindo, o jugo de Castella!

Pendão das Quinas, desfraldado-te magestoso ao vento, e abençoada aquelles que se gloriam de serem portuguezes!

Diz a Castella que uma nação como Portugal, cheia de gloria e brilho, não supporta os ferros do captivo, porque é nobre e altivo; porque possui um coração cheio de vida e força; que para elle a liberdade é como o ar que respira; a patria o santuario dos seus affectos, o sacrario da sua gloria; que é um gigante destemido e invencivel, e, por isso, quer ser livre como o pensamento da nossa alma, livre como o mais recondito affecto do nosso coração.

O *Correio do Algarve*, obscuro e humilde, mas sincero pugnador da integridade, honra e gloria do nome portuguez n'este dia de jubilo, ousa pedir a todos os sinceros portuguezes amantes da sua Patria e das suas queridas instituições, que se unam, como uma familia d'irmãos, sem odios nem paixões, pelos sagrados laços do amor da patria, afim de que o velho Portugal, por tantos titulos tão nosso, conserve a independencia, como veneranda reliquia da sua epopeia

sublime e grandiosa, e mostre ás gerações vindouras que bastam as lagrimas da Patria, para erguermos todos nós, com heroismo, no pendão da revolta, os mais bellos lemmas de civismo, de amor da Patria e da Liberdade.

Mais . . . republicanos em evidencia

O guarda 1:503, prendeu Antonio de Figueiredo, filho de Antonio de Figueiredo e de Alexandrina Nunes, residente na travessa do Forno, aos Anjos, 31, 4.º, por furtar a sua mãe um cordão de ouro e uma cruz, indo empenhal-os.

O gatumo é o socio 6:811 do Centro Escolar Republicano Antonio José d'Almeida, e trazia na algibeira, além das cautellas d'aquelles penhores, os estatutos do Centro e recibos de quotas mensaes! . . .

No Casal do Ouro, freguezia do Cartaxo foi assaltado o estafeta das malas do correio João do Carmo Oliveirá, por um honrado (sic) cidadão republicano, chefe de quadrilha republicueira d'aquella povoação, chamado Manoel Victor.

Para juizo foi no dia 19 remetido pela policia de Lisboa um tal cidadão Virgilio Cezar da Costa, solteiro, caixeiro, natural do Cartaxo, morador no largo do Caldas, 1.º-3.º, por ter furtado a Manoel Eduardo Ferreira, uma corrente de ouro e um varino, indo empenhar estes objectos, na rua de Santo Antão e rua da Esperança, 177. Ao ser revistado pela policia, verificou que era socio do Centro Republicano Antonio José d'Almeida, numero 5:618.

Como se vê, aquelle centro escolar (sic) Antonio José d'Almeida dá um bom contingente para o Limoeiro. Quasi todos os illustres larapios e vadios que accumulam essas funcções com as de redemptores da patria, são do Centro Antonio José d'Almeida. Somma e segue. . .

Os kiosques do «Seculo»

Lêmos ha dias que os kiosques do *Seculo* nos pontos estrategicos da cidade de Lisboa são de gosto chinês, fechando em cima por uma tampa hexagonal, com uma letra do jornal em cada uma das faces do hexagono.

Ora no kiosque do Rato dá-se o phenomeno seguinte:

Quem dobra da rua da Escola Polytechnica, para o lado da rua do Sol, não vê senão as letras S e E. Parece então que o *Seculo* é uma folha clerical — Sé.

Quem vem das Amoreiras, não vê senão o I. e o O. Fica-se em branco. Ló não quer dizer nada.

Finalmente, quem vem da Avenida — e ahi a exposição é mais longa, porque a rua é comprida — não lê nem S E nem L O, lê «CU» que não deviamos aqui dizer, mas que lá está em grandes letras. De noite, fortemente illuminado a luz electrica, é espectáculo o digno de vêr-se.

Não sabemos se a Camara Municipal, que ainda está de volta com os barris do lixo, terá tempo de metter o nariz no assumpto a que nos referimos.

No emtanto, se o fizesse não cumpriria mais que o seu dever, porque o *Seculo* também todos os dias lhe faz o mesmo, a ella e aos seus correligionarios.

Carta de Messines

Nas paginas aurifulgentes da nossa historia patria está escripto com caracteres diamantinos um factô, que só por si poderia ser cantado, como poema maravilhoso de um povo de heroes. E' a revolução de um de dezembro de 1640. Ella traduz o patriotismo e a valentia dos nossos antepassados, esses archanjos da guerra, que em defesa da independencia da sua nação, se expunham a todos os sacrificios, immolando-se como victimas no altar da patria, se tanto fosse preciso.

Ecclipsara-se nos arciaes de Alcaçer Kibir o brilho da estrella, que conduzira Portugal nos campos de Ourique e Aljubarrotta. A bandeira das quinas, sempre ovante e gloriosa, ficára abatida pelo crescente musulmano em Africa. Nobreza, clero e povo assistia dolorosamente ao esphacelamento da patria, que agonizava e morria com o seu epico cantor.

O dragão de Castella lançára sacrilegamente garras aduncas sobre o cadaver de Portugal. Como o povo d'Israel sob a oppressão de Babilonia, o nosso povo também durante 60 annos de angustias estivera escravizado ao despotismo de Hespanha.

Os Felippes, reis intrusos e de triste memoria, assentavam-se jubilosos sobre o tumulo que encerrava os despojos do gigante chamado Portugal, a mais poderosa nação em tempos idos. Faltando a promessas sagradas com cynismo revoltante, desprezando compromissos solemnemente jurados nas cortes de Thomar, todo o empenho de Castella era destruir forças portuguezas, riscar-nos do mappa geographico das nações livres, reduzir a nossa historia a cinzas e atira-las para o perpetuo esquecimento.

Vilánias, desrespeitos, traições de Hespanha chocaram com a lealdade, heroismo, amor patriótico de Portugal. Esse choque produziu a scentella luminosa da nossa gloria e da nossa independencia. Como phenix resurgindo das cinzas, Portugal resurge da algidez do tumulo. Vigoroso, activo, bellico, capaz de vencer o proprio Marte, pretende reacquirir a independencia tão vilmente roubada. Na manhã do dia 1 de dezembro de 1640, quando a aurora purpura despertava a natureza, nas ruas de Lisboa se despedaçam os grilhões, que nos prendiam a Castella ao mesmo tempo que reboava no espaço um hymno de alegria, annunciando a nossa restauração.

Repelimos galhardamente o dragão castelhano, que nos devorava o prestigio. No peito illustre lusitano palpitou o enthusiasmo; a alma nacional rejubilára mergulhada em ondas de luz e prazer.

Com a velocidade do relampago se transmittiu pelas provincias a noticia de Portugal livre. Secundando o grito de revolta em defesa da autonomia de Portugal, se organisam pelos nossos territorios exercitos não inferiores em coragem e patriotismo aos de Sparta. Todos os genuinos portuguezes, transformados em intemeratos soldados, mostrando-se capazes de vencer phalanges d'Alexandre, legiões romanas, e batalhões de Napoleão, com as suas espadas ceifaram loiros immarcesciveis, e escreveram uma odyssea de triumphos.

Como Roma que cahira ao peso do seu poderio e das suas iniquidades, a queda de Portugal era fatal, como a sua restauração era logica e realisavel, confiando no seu amor patriótico e heroismo.

Era medonha a oppressão de Castella, mas também medonha é a tempestade e ella purifica a atmospherá. Era negro o nosso mal estar, também negro é o carvão e d'elle se extrahê o diamante. Com a dura lição historica Portugal aprenderia a amar mais a liberdade e a reprimir as ambigões estrangeiras.

A restauração da patria, que tantos sacrificios custara, foi mais um astro luminoso collocado no firmamento da nossa gloria, mais uma perla junta ao recife de nossos triumphos.

Como se deu, as causas que a precederam, as façanhas que nella se operaram o leitor bem conhece.

Saibamos todos inspirar-nos nos exemplos que os seus promotores nos deram e para bem de Portugal veremos, como dizia Camões. . .

amor da patria não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno

HERMES.

Outra corrida . . .

No dia 17 do mez ultimo, alguns gravatoides republico-buissicos de Torres Vedras, tiraram-se de mais aquellas, e foram em excursão até a povoação de S. Mamede da Ventoza, *provar das pingas.*

Emquanto preparavam as toucas lembraram-se de fazer uma manifestação liberal e vociferaram pela aldeia vivas á Republica.

O povo de S. Mamede que não esteve para lhes aturar a má criação, resolveu apedrejá-los, pondo-os em debandada! . . .

Servirá de lição? . . . Talvez que não, porque em geral os gravatoides são atrevidos.

Com vista aos nossos libaræes

Numa republica

Na Suissa foi apprehendido pela administração dos correios um bilhete postal illustrado que se referia á questão Ferrer, sendo avisado o destinatario de que seriam apprehendidos todos os bilhetes do mesmo genero.

O bilhete em questão reproduzia a figura de Ferrer e tinha á margem, em grossos caracteres, legendas d'este genero:

O assassinato de Ferrer é obra do catholicismo.

No seculo XX praticou-se um novo acto da Inquisição da Igreja papal romana.

A administração dos correios julgou que o respeito que se deve manter por todas as religiões a impedia de deixar transitar um postal que insultava «uma das religiões nacionaes».

O factô deu-se numa republica e ainda bem. Se acontecesse no nosso paiz, não faltaria por ahi quem berrasse contra o formidavel attentado á liberdade de consciencia e demais palavrões do estylo.

João de Deus e a sua primeira poesia publicada

Publicou ha dias o nosso mui illustre collega *A Folha de Beja* o seguinte questionario:

1.º — Qual foi a primeira poesia de João de Deus que viu a luz da publicidade?

2.º — Em que data e em que jornal foi publicada?

Por julgarmos este assumpto muito curioso e digno da attenção dos nossos leitores, com todo o prazer lh'o confiamos á vossa paciente investigação.

AGRADECIMENTO

José Augusto Fernandes, medico militar em Lagos, não podendo por impossibilidade de sua doença, ir pessoalmente a casa de todas as pessoas que tanto interesse tomaram pelo seu estado de saúde, manifestar o seu grande reconhecimento por tão elevada gentileza, por isso pede lhe permittam fazel-o por este meio, despedindo-se ao mesmo tempo e offercendo o seu fraco prestimo na Regua, onde vae convalescer.

N. R. — Por ter saído com algumas inexactidões a primeira local com o titulo «Agradecimento», publicamol-a novamente hoje, devidamente corrigida e modificada, segundo nos foi pedido.

Escolas de continuação

O factô de não haver, depois do exame do 2.º grau do ensino primario, outras escolas primarias, que, frequentadas pelos alumnos approvados n'aquelle exame, lhes pudessem ministrar outras noções de utilidade pratica, está-se sentindo extraordinariamente, pois que muitos, sem terem tenção de chegar ao fim do curso, se vão matricular nos lyceus, que abandonam dois ou tres annos depois, sem grande aproveitamento, e então, porque não podem mesmo matricular-se nos lyceus, ou em outras escolas industriaes, esquecem o que aprenderam na escola, por estarem, ás vezes, 3 e 4 annos sem poder obter qualquer collocação.

Emquanto se não possa crear no paiz o ensino primario superior, como se encontra nos paizes estrangeiros, com bellos resultados, não seria muito dispendiosa a criação dos cursos do aperfeiçoamento, e qualquer sacrificio que para isso se fizesse, seria bem compensado com os resultados colhidos.

Umás noções de portuguez, francez, geographia, arithmetica e contabilidade, ministradas por professores competentes, mediante uma gratificação condigna, seriam, por emquanto, o bastante para taes cursos.

Não é só por cá . . .

Mortos e feridos

O nosso presado collega *Dia-rio de Noticias* insere a seguinte noticia:

«Decorreram tumultuosamente, em algumas assembléas, as eleições municipaes realisadas no dia 1 do corrente no Rio de Janeiro.

Déram-se varios conflictos graves, trocando-se tiros de revolver á queima roupa, caindo mortos os eleitores Ernesto Pinho, Cesar dos Santos Pimentel e Marcelino Antonio de Oliveira, e ficando outros feridos. Fizeram-se muitas prisões.»

Como se vê, não é só por cá que ha tiros e mortes, nas eleições. Também na republica brasileira se ferem e se matam electores.

Quando os republicanos ahi bradarem contra os tumultos electoriaes, havemos de lembrar-lhes o que se passa em paizes regidos pelo systema republicano, como são o Brazil, a França, os Estados Unidos da America, e ainda outros.

Mas isto não dizem elles ao povo. Occultam-lh'o!

A revolução entre nós é uma demência

Venha a revolução! exclama-se ali nos clubs, nos comícios, em toda a parte. E' ella a panaceia dos nossos males!

Aniquilar para reconstruir! E com que elementos?

Quaes são as bases da nova sociedade futura, que os demolidores da actual preconizam, como solidas garantias da felicidade dos povos e da sua regeneração?

Nem moral, nem religião, nem constituições politicas! Abaixo tudo quanto a sociedade conserva dora tem edificado!

A sociedade do futuro ha de ser completamente isempta de preconceitos de toda a especie, preconceitos na politica, na religião, no lar, na familia e no convívio externo.

Tudo isso que fez a illusão das sociedades decahidas, a nós não nos serve — tudo novo, tudo diferente.

E se a gente lhes pergunta o que elles trazem para substituir o antigo e quaes as bases em que ha de assentar a nova sociedade, promettedora de tantas maravilhas, elles emmudecem.

A revolução deve fazer-se, estamos de accordo. Os povos, como as florestas antigas, carcomidas pelo tempo, pela immobildade, necessitam de renovação.

Os ramos seccos cahem á menor oscillação d'essas arvores gigantes, a cuja sombra as nações se abrigam, mas dos troncos ainda pode brotar nova seiva, que faça reverdecer novos ramos.

As instituições, como as arvores, quando já roidas e velhas, desaparecem para dar lugar á seiva purificadora, que rejuvenesce os povos, encutindo-lhes novas ideias. Cada uma d'estas quedas arrasta consigo um mundo e origina uma civilização.

Mas as bases d'essa civilização — a moral, a religião, a disciplina e a ordem — persistem como alicerces da civilização que desponta.

Refundiram-se assim as civilizações antigas ao genio dos grandes homens e dos grandes genios; e na evolução de tantos seculos, politicamente, deram-nos republicas e realezas, tyrannias ou despotismos, assembleias do povo, directas, ou assembleias legislativas, indirectas. Nada mais em tantos seculos de existencia.

A superioridade das formulas ainda se não evidenciou por tal modo que, compulsando a historia, não encontremos monarchias modelos e republicas detestaveis, e vice-versa.

E porquê? Porque a natureza humana não é capaz de transpor o estreito ambito das suas forças: debate-se n'um circulo apertadissimo de ambições ephemeras abandonando-as agora, para logo as abraçar, visto que os sonhos da sua mente são sempre sonhos, sem realidade objectiva que seja duravel e persistente. A concepção da melhor formula politica esbarra d'encontro á malicia e maldade humana, que tem sempre enjejo de transmutar a luz em sombras, a liberdade em oppressão.

E' nos homens, é na educação, é nos sentimentos, que consiste a perfeição das formulas politicas. E onde estão os grandes homens entre nós para impôr a revolução?

Os homens superiores, cujo genio, moldando-se nas ideias da epocha, incarnando-as em si, acabam por absorver a individualidade d'uma nação?! Quem os vê?

Elles concebem na sua mente um drama immenso e o scenario para a sua representação depende apenas do acaso, que muitas vezes os surprehe de inesperadamente.

A revolução na sua cabeça não é uma colera, é um plano.

Quando todos vacillam, elles vão direitos ao fim e não se enganam.

Apoiados apenas no sentimento de superioridade, affrontam todas as coleras, todos os odios e malquerenças.

Todos os detestam, e todos os lisongeiavam, porque d'elles dependem a salvação ou a morte de todos.

Onde estão elles, esses genios superiores entre nós?! Farejem-nos bem, analysem-nos e que vemos?

Oh! é melhor o silencio para não ferirmos a vã soberba dos nossos salvadores!

Nenhuma ideia, nenhum pensamento, nenhum plano, que se imponha e que nos deslumbre, arrastando-nos insensivelmente.

Nós queremos a revolução, nos costumes, nos habitos, na moralidade, no amor da patria, na elevação dos nossos sentimentos.

Eduquemos, moralisemos, deixemos o egoismo, e depois, quando a revolução, assim feita, estiver sazoadada, ella virá então sem resistencia.

Mas prégar o odio, o exterminio, a vingança contra tudo e contra todos, isso não é a revolução que salva, é a revolução que anarchisa.

Contra essa protestamos energicamente: o paiz quer paz, quer tranquillidade e socego, para poder expandir-se e viver.

Prégar-lhe a anarchia e a desordem como elementos de vida, só os dementados o fazem, e os dementes cinca foram senhores de si, menos o poderão ser da sociedade a quem corrompem.

A revolução entre nós é uma demencia.

Lyster Franco

Soubemos, ha dias, que foi escorraçado do Lyceu de Faro, para anichar um apaniguado politico local, este nosso presado amigo e illustrado professor de dezenho.

Conhecemos, de sobejo, em Lyster Franco as suas primorosas qualidades de character, que o collocam superior a qualquer suspeita.

Admiramos-lhe as suas notaveis aptidões para a regencia de aquella disciplina em que foi injusta e erradamente substituido, pois que d'ellas deu sempre provas, já no Lyceu, já na Escola industrial Pedro Nunes, e em cujo magisterio conquistou, pelo seu brilhante concurso, uma atmosphera de respeito pela sua sciencia que o impõem á consideração publica. D'ahi o estranharmos a affronta de que foi victima este nosso ex.^{mo} amigo.

Cruzador inglez

Pelas 4 horas da tarde de 18 do mez findo fundeu na bahia de Lagos, o cruzador da marinha de guerra ingleza *Leviathanc* que de Villa Garcia se dirigia a Gibraltar com 750 homens de guarnição, para onde partiu em 19 pelas horas da manhã.

Ao fundear houve troca de salvas entre o dito cruzador e a fortaleza da Ponta da Bandeira. Não se trocaram cumprimentos officiaes, devido á precipitação da retirada.

Outra bomba explosiva

E' um nunca acabar. As da capital não são já sufficientes. Começam a apparecer nas provincias.

Ha poucos dias foi lançada uma bomba explosiva na capella da Ermida em Mattosinhos. Felizmente cabiu dentro de uma pia de agua benta, apagando se casualmente o morrao do explosivo.

Não seriam, na opinião dos republicanos, os reaccionarios que lançaram a bomba?

Já agora elles teem como processo fazer o mal e attribui-lo aos monarchicos, a quem indistinctamente já apodam de reaccionarios.

Bem dada bola

Por ter insultado e tentado agredir um sacerdote que se encontrava na Coshina Economica em Xabregas, foi, ha dias, condemnado no 1.^o districto criminal de Lisboa, em 15 dias de prisão correccional, um tal Victorino da Costa Ruivo, *cidadão republicano e socio do centro João Chagas*.

Pena é que cá pelo «Reino dos Algarves» a acção da Justiça não se faça sentir tão effizacientemente como na «Lisbia», a ver se se depurava a sociedade algarvia de uns tantos... *matulões*, com fumagadas de... *valentes*, que por este Reino vagueiam...

Perdendo terreno

Está tudo republicano! Eis a a nota unisona, que se ouve, nas conversas particulares, nos clubs e ruas!

Tudo? Não é bem assim. Os fanaticados, os illudidos por uma propaganda refalsada e calumniosa, esses sim, esses são republicanos, mas inconscientes, e apenas aqui, na capital.

Vão insensivelmente ao som dos que os conduzem, envenenando-lhes a alma, arrancando-lhes d'ella o germen do bem, substituindo-o pelo odio, pela vingança, pela revolta contra tudo o que representa a ordem e a tradiçáo.

Porque a propaganda republicana, intensa, como tem sido, não visa a educar caracteres, não tende a fazer germinar na intelligencia simples do povo as ideias que mais enobrecem, não!

Olhando em volta, confrange-se-nos a alma vendo que este povo portuguez, bom, soffredor, valente e generoso, vae perdendo, pouco a pouco, as qualidades que o extremavam entre tantos, e, inconscientemente, esqueceu tudo para se tornar arrogante, insubmisso, devido á propaganda republicana.

Mal imagina elle o futuro que lhe está reservado, se esse ideal, como elle o concebe, algum dia vingar!

Mas não vingará; a inconsciencia ha de acabar para o povo, quando os monarchicos, sabindo do seu torpor, fizerem como hontem na Fogueira, defrontando-se com os adversarios das instituições e provocando-os a que falem, a que exponham ali, frente a frente, em contradicta com os monarchicos, o que é e o que vale esse ideal preconizado, bandido de toda a Europa e vingando apenas n'uma parte minima dos seus estados.

E' assim que os monarchicos devem fazer! E' assim que a insidia e a calumnia se combatem, frente a frente, desmascarando-lhes os planos, inutilizando-lhes os esforços.

Os comicios ultimos teem mostrado aos illudidos que nem tudo é republicano! Que n'este paiz de tradições monarchicas, a republica, apesar dos esforços dos seus adeptos, apesar da tenacidade dos seus esforços, está ainda longe de ser uma realidade, não passando d'uma miragem, d'um sonho, que se desfaz, quando alguém se levanta de frente e tem a coragem civica de não recuar, porque é da falta de coragem que os inimigos das instituições avançam em terreno safaro e de ignorantes.

E quando a luz se faz no espirito do povo, d'esse povo ingenho, alma aberta a todos os sophismas e invenções, o povo recobra a sua energia, e cahindo no logro armado á sua boa fé, elle mesmo se vinga, á maneira que a luz se vae fazendo no seu espirito obscurecido por uma propaganda, que só mira a funestos odios e a semear intrigas e paixões.

Braga, Louzã, Agueda e a Fogueira, são as *etapes* d'essa revescencia da alma popular, que obscurecida por doutrinas irrealsaveis, vae mostrando aos falsos apostolos, que tentam desviar o do caminho por tantos seculos trilhadados, que não está mais disposto a servir-lhes os planos tenebrosos.

Mas para isso é indispensavel que os monarchicos façam o que fizeram hontem, que não deixem o povo só, entregue aos seus exploradores, que o illudem e pervertem. Fazendo assim, a republica será uma palavra vã hoje e sempre!

Se antigamente ao prouncial-a o povo estremecia de horror, hoje, ao ouvil-a, recebe-la-ha com os protestos da sua alma indignada contra aquelles que o teem corrompido, falseando-lhe a verdade, de proposito para assim melhor o suggestionarem ao saber das suas conveniencias.

Vindo da capital, estive uns dias no Algarve, o sr. conselheiro Domingos Eusebio da Fonseca.

PATRIOTICA INICIATIVA

Constou-nos, ha dias, que, por iniciativa patriótica d'alguns officiaes da nossa marinha de guerra, tendo á sua frente um dos mais illustrados e respeitadores dos nossos almirantes, o sr. Teixeira Guimarães, se fundára uma aggremação que escolhera o titulo de *Liga de Propaganda da Defeza Nacional*, — a qual, banindo por completo a politica partidaria, desejaria levar ao convencimento de todas as camadas sociaes a absoluta necessidade que Portugal tem de reorganizar seriamente a sua defeza, estudando tambem todas as propostas que possam dizer-lhe respeito, e dando conhecimento do resultado dos seus estudos ao Paiz e ao parlamento.

Pareceu-nos sympathica e nobre a iniciativa, pelo que expressamos-lhe a nossa desvaliosa mas sincera e calorosa adhesão, não como soldados d'um partido, mas como cidadãos d'um paiz que na metropole e além-mar tem muito que defender e não pôde repouzar no travesseiro das suas tradições gloriosas, confiado em que os outros, mais praticos e mais ousados, lhe não invadam os dominios, enquanto elle dorme o somno dos justos... e dos inuteis.

Conhecemos, porém, sufficientemente o meio em que vivemos, para que possamos, sem receio de errar, vaticinar contrariedades sérias aos fundadores da nova *Liga*. N'um paiz em que é tão facil a critica, é sempre difficil a obra: e, quando tem sido constante o mallogro d'outras ligas, que o *virus* politico cêdo inquinou, os precedentes hão de ser invocados para fazer recahir a desconfiança publica sobre esta nova tentativa com que ainda alguns dos que de todo não descreeram procurar levar a uma cruzada de rehabilitação nacional, tornando-o valido e forte, um paiz que ha muito tempo cahiu no torpor da mais profunda e doentia indifferença!

E' preciso bradar a esse paiz, que elle paga muitos milhares de contos para o exercito, e que uma mobilisação forçada e rapida d'este, seria uma formidavel desillusão, cujo alcance uma patriótica reserva nos determina a não frizarmos aqui em todo o seu justo relêvo.

E' preciso dizer-lhe que, segundo rezam os orçamentos, temos gasto muitos milhares de contos com a marinha de guerra, e que nós, — a quarta potencia colonial do mundo! — em bom rigor não temos hoje marinha... embora nos sobre em valoroso pessoal o que nos falta em material aproveitavel!

E' preciso dizer ao paiz que elle não pôde consentir que se desviem por mais tempo da sua legal e definida applicação as verbas votadas para a sua armada ou, mais genericamente, consignadas á sua defeza, e que decerto se não consumiram n'uma defeza que não existe, — o que nos constitue n'uma situação de humilhante dependencia internacional a que o nosso pundonor manda pôr urgente termo.

E' indispensavel que se estude e submetta ás Côrtes, quer venha das regiões officiaes, quer da iniciativa particular, um plano reflectido e sério sobre a nossa defeza, de harmonia decerto com as nossas circumstancias financeiras, mas tendo-se ao mesmo tempo em attenção que se ha verbas orçamentaes por onde cortar despesas superfluas, estas que se sacrificiem e não as que são imprescindiveis porque as exige a defeza nacional, que ha-de ser muitas vezes a salvação publica.

Se é isto o que a nova *Liga* pretende, se taes são os seus fins, e desinteressadas ambições politicas ou de exclusivismos sectorios as suas intenções, aqui nos tem ella a applaudir-lhe o esforço e a estimular-lhe o emprehendimento, que talvez as estações officiaes não vejam com bons olhos, graças ao regimen dogmatico e esteril em que vive a nossa alta burocracia civil e militar.

A tentativa deve fazer-se: e se

não tiver exito, nem por isso terão deixado de ser bons patriotas, prestantes cidadãos, os que n'esta hora de agitada lucha de interesses e de ambições, e sob a divisa *Pro Patria* tão nobremente querem emprehender, mantendo-se na serena atmosphera dos que trabalham muito longe no tumultuar das paixões politicas uma campanha meritoria pela *Defeza nacional*.

Dragagens

Acham-se interrompidos os trabalhos de dragagens no canal da barra commum de Faro e Olhão, em vista da epocha hibernal não permitir o funcionamento da draga sem os inconvenientes de muito limitado aproveitamento do serviço, e grave risco da mesma draga em local exposto á acção das vagas.

Parece que em vista da permanencia da draga em Faro se tornar inutil, vae ser solicitada ao governo a sua transferencia para Setubal, onde urge effectuar dragagens no porto para as obras do melhoramento que ali se estão effectuando, sendo, portanto, muito aproveitados os serviços n'aquella localidade.

Quem são os jesuitas?

Para o *Mundo*, *jesuitas* são aquelles que o não deixam mentir á vontade! São o Padre Mattos e os demais redactores do *Portugal*!

Para o *Alpoin* são todos os padres que não votam n'elle nas eleições... que estes são o authenticos e genuino clero nacional!

Para os regicidas são aquelles que clamam luz e justiça, sobre um crime que envergonha um povo!...

Para os republicanos em geral são todos os padres catholicos... á excepção de dois ou tres *soi-disants* que adoram o quadro do *Baeta*!... São todos os bispos que se não resignam ao papel de figuras decorativas!...

Para o *Seculo* são *jesuitas* aquelles que se não vendem como elle... ou não teem dinheiro e desvergonha sufficiente para lhe comprar a penna!...

Numa palavra, são *jesuitas* todos os catholicos e monarchicos sinceros!...

Tudo adulterado

O Paiz, fazendo historia:

«Temos a nossa nacionalidade, mas, em compensação, tudo quanto é portuguez anda adulterado, desde a politica ao amor e desde a arte á religião.»

Tem razão. Tudo adulterado. *Politica adulterada*: a do sr Magalhães Lima, chafaricando nas alfurjas maçonico-revolucionarias estrangeiras contra a politica interna do paiz.

Amor adulterado: a do *souteneur* da Margarida Flôres, apesar de ser testa de ferro do jornal republicano mais retintamente vermelho.

Arte adulterada: A do Baeta, armando á popularidade da jacobinagem com o quadro do bom Bernardino de braço dado com Jesus.

Religião adulterada: A do Antonio José d'Almeida, que quer os padres portuguezes sem Papa nem celibato.

O sr. Bombarda

Volta a ter novo ataque de liberal furioso o sr. dr. Bombarda, illustre alienista e eminentissimo alienado d'esta grande republica de malucos proclamada no reino de Portugal...

Segundo nos consta, é Santarem a terra escolhida agora pelo grande alienado, para ali pôr a bailar todos os seus illustres neurones n'uma dança macabra de jacobinismo terrivel.

Isto vem a dar, como costume, um regabofe para os doidos de Rilhafolles. Uma duzia d'elles pelo menos, safase.

CORRESPONDENCIAS

Silves — COSINHA ECONOMICA — Na bella vivenda da quinta de Mata-Mouros, reuniram-se hontem, a convite da senhora condessa de Silves, varios cavalheiros para se tratar da fundação nesta cidade de uma cosinha economica, ideia que ha tempo vem sendo acalentada pela senhora condessa e que deseja agora ver realisada.

Assistiram a essa reunião os srs. dr. Sousa Godinho, juiz de direito; Antonio Caldas, dr. Mexia de Mattos, conservador; dr. Mealhada, prior Mendonça, José Vaz, recebedor; Lino Caro, José Lacerda, Luiz Almeida, Henrique Martins, José Alvares Marques e João Lopes Martins.

Presidiu á sessão o sr. dr. Godinho, secretariado pelos srs. dr. Mealha e Antonio Caldas. Em seguida o presidente expoz o fim da reunião que era a ideia apresentada pela senhora condessa de Silves, da construção nesta cidade d'uma cosinha economica, que muito melhoraria as condições de vida dos pobres. Usaram em seguida da palavra os srs. Antonio Caldas, dr. Mexia de Mattos, dr. Mealha, prior Mendonça, João Lopes Martins, Luiz de Almeida, José Lacerda e José Vaz. Todos os oradores louvaram muito a altruista ideia da senhora condessa e pozeram-se á disposição de sua excellencia para a realisação de tão humanitario fim.

Desculpamos por motivos de força maior a sua não assistencia, mas adherindo a tudo, os srs. visconde de Lagôa, visconde de Ponte da Barca, Gregorio Mascarenhas, Francisco Thadeu de Almeida, João Ramires e outros.

A senhora condessa de Silves, usando, por fim da palavra agradeceu commovida o bom acolhimento que todos fizeram ao seu convite e, cheia de entusiasmo pela sua ideia, declarou que tinha fé em que a cosinha economica havia de prosperar em Silves.

Foi nomeada uma comissão para tratar dos preparativos de casa, mobilia, etc., composta dos srs. dr. Mexia de Mattos, prior Mendonça e João Lopes Martins. Para angariar fundos para tão benefica instituição projectam-se espectaculos, basar e outros divertimentos.

A cosinha deverá ser inaugurada em maio, por occasião da visita pastoral de s. ex.^a rev.^{ma} o sr. bispo do Algarve. C.

Albufeira, 25-11-909 — BARBARA AGGRESSION

SAO — No dia 16 do mez de outubro o sitio dos Brejos d'este concelho foi theatro d'um repugnante de aggressão com um individuo do nome de Francisco das Doreas d'aquella villa, por um individuo chamado José Francisco que mal o viu, e que com elle se enfiou na taberna de um tal Athol.

O aggressor que se acha preso na cadeia civil d'esta villa, é maritimo natural de Armação de Pera, e actualmente empregado na armação de pesca de sardinha «Olhos d'Agua».

O agredido, depois de devidamente pensado pelo illustre clinico sr. dr. Carvalho, foi removido para o hospital da Misericordia d'esta villa onde se encontra em tratamento, não inspirando o seu estado grandes cuidados.

— **ARROMBAMENTOS E ROUBOS** — No dia 14, de madrugada, a gatunagem assaltou novamente esta villa.

O gatuno ou gatunos, entraram no armazem do sr. dr. Gomes Paulo, arrendado ao sr. José da Costa Mealha, e, aguardando a noite para fazerem o roubo, arrombaram uma gaveta de onde levaram uns dois ou tres mil réis.

Em seguida correram os fochos da porta e saíram sem mais prejuizo.

No mesmo dia arrombaram a porta do estabelecimento do sr. dr. João Quintino, mas não lhe roubaram cousa alguma.

Pedimos providencias a quem competir, para vêr se é possivel descobrir os gatunos que ha tantos annos assaltam esta villa sem serem descobertos. C.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O seculo do radio

Quando Monsieur & Madame Curie extrahiram pela primeira vez da pechblende o novo elemento a quem deram o nome de radio estavam longe de imaginar que esse pequeno tubo de vidro encerrava a maior força de destruição já mais collocada entre as mãos do homem. Um interessante artigo do professor Everard Hustle na «Deutsch Illustrierte Zeitung» dá nos uma idéa do papel importantissimo que o radio ha de representar no futuro desenvolvimento da humanidade.

«Descobriu-se que cada particula do maravilhoso elemento se pode concentrar a ponto de assinalar tudo que se encontra no seu caminho. Demonstrou-se experimentalmente que esta força se pode dirigir sobre um objecto qualquer que fica por esse facto irremediavelmente destruido.

O professor Thompson da Universidade de Cambridge calculou que o radio pode desenvolver uma energia um milhão de vezes maior do que um peso igual de oxygenio e de azoto combinados, e que esta força expelle atomos de helio com uma rapidez dez vezes menor do que a da luz, isto é, á razão de 180.000 milhas inglesas por segundo.

A situação de um navio qualquer que estivesse rodeado e bombardeado simultaneamente por uma duzia de navios de guerra modernos, seria menos precaria do que a de um atomo que ficava exposto a uma bateria de particulas radiantes do terrivel elemento.

O mais curioso é que esta actividade do radio não se esgota, ao passo que a propria massa do radio só diminui de um modo imperceptivel, bastando, porém, a desenvolver uma tão pasmosa força de destruição».

Assim que se descobriu esta particularidade das irradiações do radio tratou-se de as dirigir em um dado sentido e sobre um objecto determinado.

As experiencias do professor Le Bon, de Paris, já provaram que isto era possivel, e o unico obstaculo á construcção imediata de machinas susceptiveis de revolucionar a face do mundo, unicamente na difficuldade de encontrar a quantidade necessaria de radio e nas incalculaveis perdas que d'ahi resulta-

Assim diz professor Le Bon, a cincoenta annos de distancia, «a verdadeira

Branly uma séria, em que em-berzianas (as que telegrapho sem duas emanções experiencias de do que acaba-

estas experiencias a penetrabilidade dos corpos e descobrir, por exemplo, que estas ondas eram capazes de atravessar filtros que tinham mais de tres pés de espessura.

As emanções de radio, porém, não só penetraram como também as destruíram.

Uma falhasinha de estaniol, da espessura de uma mortalha de cigarro, bastava, porém, para impedir a passagem d'essas ondas e tornar inoffensivas as emanções do radio.

Bastou tambem uma pequena abertura não maior do que 1/100 de millimetro na folha de estaniol, para tornar a deixar passar os raios com toda a sua força destruidora.

Assim como foi possivel obrigar as ondas hercianas que se propagam circularmente em todos os sentidos, a seguir uma determinada direcção, tambem se conseguiu o mesmo com os raios do radio.

Visto podermos encaminhar as ondas polarizadas numa determinada direcção, tambem seria pos-

sivel enviar para um certo ponto uma serie de raios paralelos, e se estes raios encontrassem um objecto qualquer, como por exemplo um navio de guerra, um deposito de polvora, etc., ficaria logo toda a sua parte metálica carregada de electricidade.

Produzir-se-hia então uma formidavel descarga, estoirando os projecteis e indo todas as reservas de munições pelos ares.

As radiações das ondas paralelas atravessariam os muros dos maiores arsenaes, os baluartes e as casamatas das nossas fortalezas, os muros das nossas fabricas de polvora.

Tudo iria pelos ares ou ficaria aniquillado; nada poderia resistir ao bombardeamento dos milhões de corpusculos, cuja acção se havia de exercer sobre cada atomo do objecto contra o qual fossem projectados os raios.»

Todas estas experiencias já foram feitas em pequena escala e, como já disse, é simplesmente uma questão de tempo para se poderem reproduzir em grande escala.

Por enquanto falta a quantidade de radio necessaria e os aparelhos indispensaveis, como por exemplo os condensadores de uma potencia até agora desconhecida; mas isto são detalhes que se hão de vencer em breve, segundo affirma o Professor Le Bon.

As irradiações do radio não possuem, porém, unicamente uma força destruidora, senão que podem tambem ser empregadas em proveitos da humanidade.

E' provavel, diz o dr. Hultter, que d'aqui a cem annos já não haja cidade nenhuma com iluminação electrica e ainda menos com iluminação a gaz.

O radio é que ha de ser a «luz d'este mundo».

«As particulas infinitesimas que se desprendem do radio não são ellas proprias luminosas, só se tornam assim depois de se encontrarem com outras substancias.

Por exemplo, não é a luz do proprio radio que nos permite fazer photographias atravez da madeira, da pedra e de outras substancias, mas sim a quantidade de «electrons» microscopicos que atravessam, se illuminam e permitem obter a impressão da placa.

São uma especie de pequenas lampadas que se accendem subitamente no jacto do radio.

E' esta a faculdade de que a sciencia se apodera. Poderemos dar a todos os nossos edificios uma camada de pechblende combinada com uma substancia que desenvolva o seu effeito electrico e graças á qual as particulas de radio se tornam luminosas.

Por este meio havemos de obter uma luz constante, clara e amena, que nunca se ha de ter que renovar.

Qualquer outra iluminação tornar-se-ha superflua, porque o bombardeamento dos atomos de radio é constante e a perda de energia tão insignificante que só se daria por ella com o decorrer dos seculos».

Longe de ser prejudicial á saude publica, as emanções d'esta luz do radio exerceriam a mesma accção benéfica que as aguas mineraes, tão conhecidas na Allemanha e na Inglaterra, as quaes devem o seu valor therapeutico a radio-actividade das suas nascentes.

Processo d'imprensa

Por motivo de difamação do rev.º prior Baptista, de Paderne, incerta no semanario republicano «O Povo Algarvio» de Loulé, de que é director o sr. Paulo Madeira, foi este sr. condemnado, pelo tribunal competente, em réis 50.000 de indemnização ao dito prior Baptista; 50.000 réis de multa, custas e sellos do processo. Sua alma, sua palma.

Por motivo disciplinar foi transferida da escola de Budens para a de Souto, a professora D. Anna Galvão Neves.

Vida Social

Em serviço de inspecção á rebebedoria do concelho de Lagos estiveram aqui os ex.ºs srs. Cruz, escrivão de fazenda em Portimão e Possidonio Freitas, 1.º official da Inspecção geral do thesouro.

Pelos alumnos do lyceu de Faro foi representado superiormente para que seja dado áquelle estabelecimento d'ensino, o nome do saudoso poeta algarvio, João de Deus. — Louvamos tão sympathica iniciativa da briosa mocidade academica de Faro.

Encontra-se doente, tendo sentido alguns allivios nestes ultimos dias, o filho mais novo do nosso ex.ºo amigo e prezado assignante sr. João Gregorio Figueiredo Mascarenhas, de S. Bartholomeu de Messines.

Desejamos rapidas melhoras.

Acompanhado de sua esposa, a Ex.ª sr.ª D. Belmira Pimenta de Figueiredo Mascarenhas, que vae sujeitar-se a uma operação, partiu para Lisboa no dia 26 o nosso ex.ºo amigo Joaquim Figueiredo Mascarenhas, abastado proprietario de S. Bartholomeu de Messines.

Fazemos ardentos votos, para que a illustre doente obtenha exito feliz na operação e se cure radicalmente e com rapidez.

Encontra-se já em Lagos, onde assumiu o commando do 3.º batalhão d'infanteria 17, o major sr. Lazaro Corte-Real que estava collocado em Portalegre.

Foi dado incapaz do serviço, por incapacidade physica, pela junta inspectora de sanidade escolar, o professor de Alvor, circulo escolar de Faro, Francisco dos Santos Soares.

No dia 16 pelas 4 horas e meia da tarde, no predio em construcção do sr. dr. Antonio Judice Cabral, na occasião em que os operarios se achavam pregando o forro d'um tecto, partiu-se uma taboa do andaime, caindo os dois carpinteiros que ali se achavam, a um dos quaes apenas lhe reberentaram as botas. O outro, Salvador Cabrita, caindo a prumo sobre o calcanhar direito, ficou bastante magoado no tornozello, sendo soccorrido pelo proprietario, que se achava presente.

Foi nomeado secretario interino da 2.ª circumscripção escolar (Coimbra), o sub-inspector do circulo de Faro, sr. Joaquim José da Trindade.

Foi nomeada professora interina da escola de Alvor, circulo escolar de Faro, D. Beatriz d'Ascenção Taquelim.

Na noite de 18 os gatunos arrombaram a porta do estabelecimento do relojoeiro sr. Silva, palmando-lhe 28 relógios que alli estavam para concerto.

Não admira que se pratiquem taes proezas n'uma terra onde ha um só policia para todo o serviço. Ainda os srs. gatunos são muito condescendentes...

Esteve uns dias doente, sem sair de sua casa por indicação medica, o nosso ex.ºo amigo e sr. administrador do concelho Jeronymo Cabral, achando-se já restabelecido, — o que muito folgamos.

Encontra-se já n'esta cidade o novo ajudador da freguezia de S. Sebastião, em substituição do nosso querido e inolvidavel amigo P.º João Henrique.

Cumprimentamos s. rev.ª fazendo votos para que não seja buissado, como o seu antecessor, por algum libaral cá da terrinha.

Vimos n'esta cidade de visita a seu ex.ºo pae, o nosso presado amigo e assignante rev.ºo Vaz.

Esteve em Faro, em serviço de sua especialidade, o distincto agronomo sr. Tancredo Casal Ribeiro.

Foram promovidos a alferes e collocados no 3.º batalhão em Lagos, os nossos ex.ºos amigos e illustrados officiaes, Barbosa e Luiz Dionisio.

Encontra-se em Tavira, sua terra natal, o ex.ºo sr. Antonio Cabreira.

Esteve em Tavira o sub-inspector do circulo escolar de Faro, sr. Antonio da Conceição Teixeira.

Tem estado gravemente doente em Faro o ex.ºo sr. Ludovico de Menezes, distincto intendente de pecuaria d'este districto.

Tem aguardado o leito em Portimão o digno director de Alfandega n'aquella villa, ex.ºo sr. Antonio Xavier Teixeira. — Rapidas melhoras.

Esteve em Lisboa, o abastado proprietario e activo industrial em Portimão, sr. João Monteiro.

Estiveram em Lisboa, onde foram tratar do transporte para aqui, d'um rebocador que a empresa Cruz e Sant'Anna adquiriu para o serviço das suas armações, os ex.ºos srs. Antonio Cruz e José de Sant'Anna.

Esteve em Tavira o nosso presado assignante rev.ºo P.º Santos Silva, dig.ºo coadjutor em Silves.

Esteve uns dias no Algarve, o capitão da guarda fiscal, ex.ºo sr. Cochado Martins.

Perdizes... falsificadas

Realmente a phantasia humana é infinita! Refere um jornal estrangeiro que, sendo este anno muito escasso em perdizes, os «fabricantes» entraram em scena para fornecer o mercado. O processo é simples:

Compram-se pintainhos e engordam-se durante quatro dias; em seguida matam-se, depennam-se e rolam-se sobre uma banca onde foram collocadas algumas pennas de perdiz. Feito isto, espetam-se-lhes alguns grãos de clumba, enfiam-se n'uma fita e dependuram-se com o distico — «Perdizes frescas».

O numero de «fabricantes de perdizes» é já consideravel e parece que muito maior o numero dos papalvos, pois, segundo diz o jornal onde vem esta noticia, «perdiz» que appareça é logo vendida... e bem vendida.

O respeito á bandeira

Lemos um telegramma de Paris em que relata ter sido alli approvada pelo conselho de ministros, uma proposta de lei que pune qualquer ultrage publicamente feito á bandeira nacional, por escripto, gestos ou palavras.

Isto é em França; cá é o que se sabe. Não ha buissa nenhum que no auge do seu «patriotismo» não insulte a bandeira portugueza, não a pateie, como ha tempos na Figueira da Foz, ou não vote ao mais estúpido desprezo quando Ella é içada ou arreada no mastro de qualquer estabelecimento do Estado.

Más creações d'estas dão-se, aos centenaes, aqui em Lagos; e todavia são esses mesmos salvadores da Patria, que pregam educação civica e outras coisas que só as conhecem de nome!!!

Sementeira de Penisco

O sr. ministro das obras publicas mandou proceder a uma larga sementeira de penisco, a nascente e poente do ramal da estrada de Villa Real de Santo Antonio para Monte Gordo, e vae mandar arborisar as ruas e largos da povoação d'esta praia.

Ligeiras considerações acerca da viagem d'El-Rei á Inglaterra.

Passadas vão já as grandiosas homenagens prestadas pelos soberanos e povo inglez ao moço principe que um duplo assassínio fez rei, cercado d'uma dupla aureola de martyrio a alvorada d'um feinado.

A sympathia com que o joven soberano foi acolhido e festejado pela Camara Municipal de Londres, como interprete dos sentimentos da nobre capital britannica, a sinceridade com que o acclamou o povo inglez desde o seu desembarque e o amor paternal com que o cobriu e acarinhou o rei Eduardo e a sua nobre familia, são penhores certos de que algo bom resultará d'esta viagem tanto para o nosso soberano como para a nação inteira.

Já passou o tempo em que os reis por si sós declaravam a paz e a guerra e dictavam as condições essenciaes do futuro dos Estados; mas não passou nem passará a influencia magnetica que dimana de certas pessoas e é poderoso agente na consecução dos fins. Não podemos crer que o alto fastigio, a que subiu o poder moral e real, duas vezes «real», de Eduardo VII se macule agora com o abuso da boa fé do moço de 20 annos, que tem sobre os hombros o peso enorme d'uma coroa de espinhos de rei de Portugal e aliado da Inglaterra.

Essa alliança mysteriosa, que em nosso ver só um homem principiou decifrando entre nós — o benemerito e esquecido conde de Villa Franca — não pode agora degenerar, não deve agora degenerar n'uma escravidão, que mancharia de negro o crepusculo do reinado de Eduardo VII e a aurora do reinado de Manuel II — um que nasceu sobre os tons vermelhos do sangue d'um assassínio, outro que surgiu entre os raios deslumbrantes d'uma apoteose a uma rainha querida.

Mais do que estas razões de sentimento, que podem calar entre homens — e ai de nós se não calassem!... — mas não se impõem á Diplomacia, que vae por curvas e manhas aos seus fins, altas razões de utilidade e conveniencia surgem, obrigando-nos a esperar mais e melhores garantias á alliança britannica actual.

O circulo de ferro em que vivemos desde que o tratado de 26 de fevereiro de 1884 nos manietou n'Africa e a Conferencia de Berlim criou em de 25 de fevereiro de 1885 o direito d'expropriação por utilidade publica dos territorios mal colonizados ou mal administrados, apertou-se mais ainda com os tratados secretos que acompanharam as «ententes» publicas recentes da Inglaterra com a Franca e com a Hespanha.

A alta competencia do ministro dos estrangeiros d'então, hoje presidente do conselho, guião da politica seguida agora pelo seu successor naquella pasta, nos soccorremos, para que não deixe d'aproveitar a onda de sympathia que tão felizmente nos rodeia na Inglaterra e nos livre das cadeias d'aço que por aquelles convenios nos embarcam, pondo ao nosso lado o poder britannico para escudo da ambição de maus vizinhos na Europa, na Africa e... na Asia.

A alliança dynastica da Hespanha e da Inglaterra produziu naquella o renascimento do poderio maritimo e a resurreição da marinha de guerra. A historia do passado não nos autoriza a certificar que o nosso presente, ou melhor, o nosso futuro, fique bem garantido por uma alliança das dynastias portugueza e britannica; tão pouco a gravidade do momento e a confiança no actual governo nos obrigam a romper as conveniencias de uma expectativa, que o patriotismo nos manda guardar a bem da causa nacional.

Mas essa mesma historia com D. João I, com D. João IV, com D. José I, com D. Maria II ou com D. Pedro V e sobretudo com D. Luiz I, nos autoriza por

causa da gravidade do momento — em que o mar vae sendo tudo — e por via da nossa confiança no tacto diplomatico do presidente do conselho, a lembrar-lhe a conveniencia, senão a necessidade de arrhas á nova alliança, com ou sem matrimonio, para que a nossa querida patria — de todos nós, grandes e pequenos, felizes da terra e parias do trabalho — não continue a ser o escarneo da Europa e o laçao d'um senhor mysterioso, sem contrato de locação de serviços, sem escriptura d'ajuste nem limitação de trabalho, sem mutuas garantias no presente nem amparo no futuro.

E' mais que tempo de sermos a valer a nação soberana igual de todas, porque o Direito Internacional se não mede nem applica pelo tamanho dos Estados. Não queremos continuar a ser a panella de barro alliada da panella de ferro...

Telegraphia sem fios na costa portugueza

Está-se procedendo ao estabelecimento da telegraphia sem fios na costa portugueza, o que vem decerto melhorar consideravelmente o serviço de notificação de occurencias maritimas, relativas aos navios que demandem o porto de Lisboa depois do pôr do sol, hora a que cessa sempre o serviço semaphorico até ao nascer do sol do dia seguinte.

Processo d'elles

Dizia um jornal republicano que o regicidio foi a catastrophe proveniente da «atmosfera de antipathia que gosava o rei.»

De modo que qualquer pessoa, cahindo na antipathia dos amigos da fraternidade, é para elles natural, que seja assassinada!

Ha muito que os conhecemos, e se tal não fosse, isto era o sufficiente para os definir.

COISAS UTEIS

Feiras do mez de Dezembro

No dia 1: Villa Fresca de Azeitão, (3 dias).

No dia 7: Lamego.

No dia 8: Loulé (Nossa Senhora da Conceição); Cadaval; Cascaes; Cezimbra; Palmella; Pernes; (3 dias); Talhada, (4 dias).

No dia 13: Idanha a Nova; Porto de Moz, (2 dias); Trancoso.

No dia 20: Vendas Novas.

OBRAS LITTERARIAS

Dr. F. X. d'Athaide Oliveira

Contos Infantis (sexo feminino), preço.....	240
Contos Infantis (sexo masculino), preço.....	240
As Mouras Encantadas (Algarve), preço.....	500
Contos Tradicionaes do Algarve (2 vol.), preço.	1\$000
Cancioneiro e Romanceiro do Algarve, preço	500
Biographia de D. Francisco Gomes do Avelar, preço.....	500
Monographia do Algoz, preço.....	400
Monographia do Concelho de Loulé, preço.....	600
Monographia do Concelho d'Olhão da Restauração, preço.....	600
Monographia do Alvôr, preço.....	400
Monographia do Concelho de Villa Real de Santo Antonio, preço.....	500
Memorias para a Historia Ecclesiastica do Algarve, preço.....	500
Monographia de S. Bartholomeu de Messines, preço.....	400
A' venda em casa do auctor — Loulé.	

HISTOGENO LLOPIS

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitales da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da

Tuberculose Diabetes Anemia Neurasthenia

e doenças consumptivas, em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á

TUBERCULOSE

O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

Precaver *contra os productos similares* que na pratica teem demonstrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.

Peça-se sempre o **HISTOGENO LLOPIS** { Unico que cura.
Unico inalteravel.

Para a cura da **Diabetes** preparamos o *Histogeno anti-diabetico*, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submetidos a tratamento do *Histogeno anti-diabetico*.

Formas do **Histogeno Llopis** { Histogeno liquido.
Histogeno granulado.
Histogeno anti-diabetico.

Preço do **HISTOGENO** { FRASCO GRANDE — 1\$100 réis.
FRASCO PEQUENO, gratis aos pobres dos Dispensarios.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representante geral em Portugal, **A Medicinal-Drogaria**, de Antonio Cerqueira da Motta & C.^a, Succ. de Santos Caria & Sobrinhos, Rua de Mousinho da Silveira, 115 — PORTO: em Lisboa C. Mahony do Amaral, Rua de El-Rei, 73-2.^o

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES CASA DE MUITOS ARTIGOS

Com este titulo acaba de abrir ao publico um bem montado estabelecimento de artigos e generos de grande utilidade, por isso o seu proprietario convida os seus amigos e o respeitavel publico em geral a visitar a sua exposição permanente, para assim se certificarem de que ninguem vende mais barato nem expõe artigo superior, sendo os preços eguaes aos de Lisboa. Encarrega-se de mandar vir de Lisboa, Porto e do estrangeiro tudo quanto o cliente deseje, por uma modica commissão. Compra e promove a venda de todos os generos do Algarve. Revende generos de mercearia, ferragens, miudezas e uma infinidade de artigos que pela sua grande variedade e quantidade se torna impossivel descrever.

BRINDE PERMANENTE

5 % sobre todas as compras feitas pelos socios da *Associação de Socorros Mutuos Protectora dos Artistas de Faro*, mediante apresentação da caderneta.

Encarrega-se de todos os assumptos de justiça e repartições publicas, com toda a brevidade, seriedade e zelo, taes como: habilitações, inventarios, separações, liquidações de espolios, etc. Trata de recursos em todos os tribunaes, recebimentos de dividas, fóros, pensões, juros de inscrições, etc. Aceita representações de casas commerciaes e industriaes, nacionaes e estrangeiras.

Negoceia concordatas e dá informações sobre todas as firmas do Algarve.

Correspondentes em todas as comarcas do Reino.

Redigem-se todos os documentos e representações aos diversos poderes do Estado, bem como se elaboram quaesquer trabalhos litterarios e executam traducções das linguas franceza e ingleza. Ha advogados consultores de reconhecida competencia.

JOSÉ MARTINS DA CUNHA antigo sollicitador

Rua 1.^o de Dezembro, 22 a 26 (antiga casa Belmarço)

FARO

LOJA DO POVO

Rua Direita

LAGOS

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO D'INVERNO

O sortido mais completo e de melhor gosto que, para a presente estação, pode apresentar um estabelecimento de modas, na provincia só se encontra n'esta casa. Nunca os meus Ex.^{mos} freguezes tiveram occasião de apreciar em Lagos uma tão vasta collecção d'inverno, d'onde se destacam especialmente os seguintes artigos:

Phantasias de lã, castelletas, amazonas, meltons, flanelas brancas e de côr e mais tecidos de lã; flanelas, amazonas, castorinas, flanelleta e tudo o que em algodão se faz para inverno. Grande collecção de velludos d'algodão e de seda.

Grande variedade de pelerines, estollas, bichos e mais artigos de pelles.

Um variado e completo sortido de malhas bem como echarpes, chales, sapatinhos, capotas, capas,

camisolas interiores e exteriores, ceroulas d'algodão e lã, saias de baixo, blusas de malha, etc.

Baetas d'algodão e lã, cobertores, cachenez, arminhos, pelles para gollas, e mais guarnições para inverno, luvas d'abafo etc.

PARA CHAPEUS

Loises, penas, passaros, aigretes, plumas, amazonas, velludos fitas, applicações, etc.

Acabam de chegar: grande collecção de guarda chuvas d'algodão e de seda para homem e senhoras, gravatas dos mais chiques modellos e padrões, colarinhos, chapéus de feltro para creanças, bonets e boinas para creanças, senhoras e homens, e por estes dias devo tambem receber uma elegante collecção de chapéus enfeitados para senhoras e meninas.

Como se torna difficil enumerar todos os artigos que compõem o meu sortido termino pedindo aos Ex.^{mos} freguezes e freguezas que não façam as suas compras sem examinarem as minhas condições de venda e os preços convidativos que sempre faço em artigos de modas que teem 20 % menos do que nas casas de Lisboa.

Manuel Pacheco da Costa

FRANCISCO ANTONIO V

Estabelecimento de Far

RUA DIREITA, 68

Executa todo e qualquer trabalho em

Flandres, zinco, latão e cobre.

Gazometros para gaz acytelene.

Urnas de mogno e chumbo.

Grande sortimento de chaminés para candieiros, bocaes, torcidas, etc.

Vidro em chapa, drogas, tintas, vernizes, breu, gesso, cimento e ferragens.

Procuradoria do Algarve | Escritorio forense
5, P. D. Francisco Gomes | 22, R. 1.^o de Dezembro, 24

FARO

JOSÉ MARTINS DA CUNHA

Sollicitador registado nos tribunaes de Faro e outros

Auxiliado por

Bartholomeu Salazar Moscozo

Diplomado com distincção pelo Curso Superior de Letras, membro de diversas associações scientificas e litterarias e escriptor-publico, com pratica d'advocacia e procuradoria, durante mais de quinze annos na comarca de Lagos e outras.